

ENTREVISTA

SONIA VIRGÍNIA MOREIRA

Por: Debora Cristina Lopez, Marcelo Kischinhevsky, Eduardo Vicente e Lena Benzecry



“Ao mesmo tempo que você fala para o local, você está falando para o nacional, você está falando para o mundo. Então, o estudo das geografias, em parte, também tem origem nessas avaliações e leituras minhas sobre o rádio local, regional e de como isso se traduz em muitos trabalhos do Grupo”.

Do espectro radiofônico aos espaços geográficos da Comunicação, uma pensadora que desbravou fronteiras

O fundamental da pesquisa são os pesquisadores. É através deles e delas que se organiza o campo, que se articulam os projetos, que se constroem conceitos e que se desenvolvem metodologias. É muitas vezes por iniciativas individuais que se muda o caminho a seguir na área. Foi

assim no caso dos estudos de rádio e mídia sonora no Brasil. Há pouco mais de 30 anos, em 1991, duas pesquisadoras deram os primeiros – e cruciais – passos para o que hoje conhecemos como Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Sonia Virginia Moreira e Doris Fagundes Haussen iniciaram, como vocês puderam ler no dossiê desta edição da Radiofonias, o caminho dos estudos radiofônicos brasileiros.

Nesta entrevista, conversamos com Sonia Virginia Moreira, pesquisadora com uma larga trajetória nos estudos de rádio, responsável por produções seminais na área e pela formação de pesquisadores – tanto no GP quanto nas universidades em que atuou como docente.

Além de contar um pouco dessa história, Sonia Virginia Moreira analisa o contexto atual e os desafios que o GP Rádio e Mídia Sonora e o campo de estudos têm pela frente.

A versão completa dessa conversa está disponível em áudio, no podcast Papo Federal, da Rádio UFRJ, que pode ser ouvido [aqui](#).

Radiofonias: Sônia, conta pra gente, como foi o processo de criação do grupo lá em 1991?

Sonia Virginia Moreira: Olha vocês sabem que quando a gente marcou essa conversa eu comecei a pensar exatamente naquele momento, e me veio à memória uma coisa que geralmente a gente fala pouco. Eu fiquei pensando na Dóris (Fagundes Haussen), fiquei pensando em mim e em que momento de vida a gente estava ali. E é interessante porque eu acho que o surgimento do grupo de rádio ele vem de duas coisas: eu acho que do momento pessoal acadêmico da Dóris e meu naquele momento, no início dos anos 90, e também de

uma evolução eu acho que da própria Intercom. A Dóris com a experiência do curso na Ciespal³⁹, que foi sobre rádio, com a atividade dela na Federal do Rio Grande do Sul e, em seguida, na PUC do Rio Grande do Sul. E eu chegando, na segunda metade dos anos 80, na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) para dar aula. A primeira disciplina era de sistemas internacionais de comunicação e a segunda era radiojornalismo, já com o currículo específico de jornalismo que havia sido criado. Então é dessa vivência pessoal de nós duas que a gente começa a conversar sobre essa possibilidade de fazer um grupo de

³⁹ Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina, no Equador.

estudo ou um grupo de trabalho sobre rádio. Pelo lado institucional da Intercom, eu acho que é interessante a gente também pensar que era um processo em andamento desde a segunda metade da década de 80, quando começam os preparativos para a vinda do Congresso da IAMCR (International Association for Media and Communication Research), um congresso internacional que pela primeira vez se realizaria no Brasil.

Esse lado eu acho que é interessante, porque tem uma inspiração muito grande que é do José Marques de Melo, da Ana Maria Fadul e da Margarida Kunsch. Eu acho que a Immacolata (Vassallo de Lopes) também estava junto, costurando essa vinda de um congresso internacional de comunicação pela primeira vez no Brasil. E ele efetivamente acontece, em 1992, no Guarujá. Então, eu acho que essas aproximações com uma associação científica estrangeira também vão dar a base do que seriam os grupos de pesquisa. E há aquela constatação, no caso do rádio, de que a gente precisava investir na produção científica, no conhecimento do que era a história do rádio, os personagens do rádio... Então acho que havia uma confluência de interesses. Éramos ainda um grupo pequeno. Nos primeiros encontros eram seis ou oito pessoas e isso comparado com o grupo de hoje é uma coisa fantástica.

Radiofonias: Aproveitando esse gancho, Sonia, queríamos perguntar para você sobre o cenário da pesquisa em rádio no Brasil naquela época. A gente sabe que tem uma mudança considerável com a chegada do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom e com a valorização da pesquisa

científica com um novo perfil, e não mais o daquela produção bibliográfica de caráter mais memorialístico, que existia naquele momento. Como o grupo ajudou a mudar esse cenário?

Sonia Virginia Moreira: O Grupo de Pesquisa em rádio muda completamente esse cenário, que é o que você está dizendo. Era um trabalho de memórias, de gente que tinha feito o rádio e que, por algum motivo, achou interessante ou se sentiu impelido a registrar aquilo na forma escrita. Então o grupo de rádio vai começar a trazer as características da pesquisa científica para os estudos. E, no caso, não é ser autorreferencial o tempo todo, mas é só para falar do processo. Quando eu comecei a disciplina de radiojornalismo e fui atrás das bibliografias, eu via que, por exemplo, o Almirante, o Henrique Foréis Domingues, uma figura fantástica da história do nosso rádio, com muitos trabalhos sobre música popular brasileira, uma maravilha de produtor de programas radiofônicos e muito vinculado ao Brasil, tinha dados maravilhosos sobre o rádio. E os dele eram os mais corretos, porque quando você tem um texto que é um texto de memória, muitas vezes as pessoas se confundem, confundem as datas. E eu acho que esse é um dos exemplos do que o grupo de pesquisadores de rádio vai começar a fazer, a contar a história exatamente da maneira como ela aconteceu e quando aconteceu. Na verdade, acho que esse processo vem até hoje. O Luiz Artur Ferraretto, por exemplo, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do GP de Rádio e Mídia Sonora, um grande pesquisador de rádio no Brasil e, principalmente, da história do rádio, é uma

pessoa muito atenta e está constantemente reorganizando essas informações. Mas naquele momento era isso. Então, além de organizar o que existia sobre rádio, o que existia de bibliografia, os pesquisadores de rádio vão começar a ver o rádio, a analisar o rádio de outras formas. Então essa é a grande vantagem e a grande qualidade do grupo. Se a gente pega os primeiros textos e os textos atuais, a gente vai ver que tem um processo muito longo e interessante, fantástico, de evolução dos estudos sobre mídia sonora em geral. E o rádio como a estrela principal.

Radiofonias: Essa evolução que a gente percebe, essa continuidade e esse desdobramento, esse avanço dos estudos radiofônicos a partir do grupo de rádio... a gente percebe também que o grupo atuou em várias frentes. Ele não é necessariamente um grupo que atua só nos estudos radiofônicos, ele é um grupo de muita diversidade que olha também para o mercado, para os acontecimentos, para a perspectiva legislativa, isso durante toda a trajetória do Grupo. Nessa trajetória que você acompanha desde o início, quais seriam os acontecimentos ou as ações do grupo que você particularmente destacaria?

Sonia Virginia Moreira: Eu acho que uma coisa interessante é o próprio nome do grupo, que passa a se chamar Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora. Aí você já aumenta o guarda-chuva e mostra que o grupo de pesquisadores não estava falando única e exclusivamente de um meio de comunicação ou de pessoas que trabalhavam numa determinada mídia. Eu

acho que quando “Mídia Sonora” entra no nome do Grupo, isso já dá uma ideia bem mais precisa de que o conteúdo que estava sendo pesquisado e mostrado nos encontros anuais já tinha uma perspectiva bem mais ampla e poderosa. Eu acho que talvez nesse processo, a gente possa destacar o rádio como parte da indústria de mídia no Brasil e também a questão da legislação. Isso é uma coisa muito séria no Brasil, porque nós temos um quadro legal que ainda é antigo e a gente não consegue avançar nisso e não tem uma lei geral das comunicações que trate do audiovisual e que trate da internet. A própria tecnologia foi evoluindo e eu acho que o Brasil foi ficando para trás nessa questão normativa. Em alguns momentos, eu acredito que isso influi também no próprio meio e eu acho que os pesquisadores do Grupo de Rádio se interessaram muito por isso. E eu destacaria um terceiro ponto também, que é a questão do rádio regional e do rádio local e também as regiões, porque quando você tem um grupo que cresce com a participação de gente de instituições de vários pontos do Brasil, como é o Grupo de Rádio, isso necessariamente vai se refletir na produção do conhecimento.

Radiofonias: Sônia, você falou nessa trajetória da capilaridade que o grupo de pesquisa acabou assumindo, com pesquisadores de todo o Brasil. Hoje são mais de cem pesquisadores participando ativamente do grupo, dos encontros, dos congressos anuais, do Simpósio Nacional do Rádio e trocando experiências, ideias e reflexões sobre esse meio que nos mobiliza

tanto. Mas de certa maneira, o rádio continua sendo meio que um patinho feio nos estudos de comunicação no país. Como é que você percebe esse papel do rádio e da mídia sonora como um todo nos estudos de comunicação no Brasil? Você acha que avançamos ou ainda falta avançar mais?

Sonia Virginia Moreira: Eu acho que avançamos muito e tem que falar de uma outra área e característica dos estudos e das pesquisas do grupo, que é a área das tecnologias, os trabalhos sobre podcasting. E lá nos anos 90 e início de 2000, com a questão do rádio digital também, em que o Grupo de Rádio foi muito ativo. Então eu acho que essa história do rádio ainda ser considerado um patinho feio, não vou nem dizer um “meio menor”, na verdade é desconhecimento. Eu acho que quem conhece o rádio, e essa é uma coisa bem interessante porque todos os que participam do Grupo de Rádio, os pesquisadores, são totalmente apaixonados pelo meio de comunicação, pela forma de você produzir conteúdo. Por esse aspecto que é totalmente democrático do rádio, no fazer e no acessar, que é barato, e as rádios livres lá atrás, nos anos 80, mostraram isso, que era muito simples e fácil você ter uma emissora FM de baixa potência. E depois o rádio comunitário também trabalhou sempre nesse sentido. Então acho que é um pouco desconhecer a realidade de um meio de comunicação e é também um pouco ignorar a força que um meio como esse tem num país como o nosso. Então eu acho que o estudo de rádio no Brasil fala muito do Brasil. De uma maneira geral, a gente consegue mapear os momentos da

pesquisa em comunicação de um modo muito claro nas pesquisas de rádio, porque elas também vão acompanhando as tendências dos estudos de comunicação. E também tem uma evolução metodológica muito significativa. Então eu acho que é talvez ignorar um meio de comunicação que ainda é poderoso e por muito tempo vai ser poderoso. Essa última pesquisa do Kantar Ibope mostra que as pessoas ainda escutam rádio no aparelho tradicional apesar de poderem fazer isso pelo celular. Enfim, isso mostra que é um meio de comunicação que tem um vínculo que é muito específico com o seu ouvinte. Isso passa inclusive pelo aparelho que é usado. Mas eu acho que com tanta coisa que o Grupo, que os pesquisadores de rádio já fizeram, eu acho que isso mudou, mudou bastante nos últimos anos. Acho que hoje é uma mídia muito importante e eu acho que as pessoas têm no geral uma noção mais aproximada do que seja o meio.

Radiofonias: **Essa é uma frase muito boa de ouvir, Sônia. Muito bom escutar você dizendo: olha, hoje nós não somos mais os patinhos feios. Eu acho que a gente tem evoluído muito nesse sentido, de consolidação da nossa área e ampliação do espaço que a gente ocupa no campo de estudos da comunicação. Eu concordo muito com você nessa diversidade dos estudos radiofônicos e como os estudos radiofônicos representam também a diversidade brasileira. Acho que é um cenário que a gente sempre teve no rádio e hoje a gente vê refletido também nos estudos de rádio, e isso é muito bom. Mas a**

partir disso, eu queria te perguntar como é que você vê o futuro do campo de estudos radiofônicos, pensando na perspectiva de rádio e mídia sonora no Brasil e também no exterior. O Grupo Rádio e Mídia Sonora revela bastante sobre essa capilaridade nacional, mas como é que você vê também no exterior, neste momento e como perspectiva futura?

Sonia Virginia Moreira: Bom, eu acho que a tendência do grupo é sempre explorar esses novos meios, essas novas possibilidades de pesquisa. Eu acredito que, entre nós, a questão das mudanças que a tecnologia traz é provavelmente uma constante. No exterior, em países latino e ibero-americanos, eu acredito que a gente tenha uma produção que tem muito a ver com a constituição do próprio sistema radiofônico, porque eu acho que tem muitos estudos sobre emissoras públicas ou sistemas públicos de radiodifusão. Com o momento que a gente vive hoje, por exemplo, de indefinição em relação à EBC, que foi uma empresa criada para cumprir um item da Constituição, que é uma das possibilidades do rádio – ele é educativo, ele é comercial, ele é público –, eu acredito que a gente tenha que investir bastante agora no que seja essa produção radiofônica pública no Brasil. No exterior, eu acho que isso é explorado de uma maneira bem mais frequente, tanto pelas experiências como pelas possibilidades que um sistema público de radiodifusão pode trazer. E aí também especificar que nós não estamos falando de um sistema público de comunicação, que nós estamos falando de um sistema público de radiodifusão. E

radiodifusão, para nós, ainda é uma forma de comunicação muito presente e eu acho que vai se manter por muitos anos apesar de todos os avanços tecnológicos. A gente vive num país em que, na Amazônia, o rádio à manivela ainda é uma realidade. Aliás eu tenho um aqui comigo e tenho usado para ver quanto tempo dura a energia. Ele tem uma bateria solar e é uma coisa fantástica, em qualquer lugar e em várias faixas de ondas você consegue ter algum tipo de comunicação. Então é maravilhoso, é uma coisa linda.

Radiofonias: **Você acabou se afastando do Grupo de Pesquisa Rádio Mídia Sonora nos últimos anos para se dedicar à construção de um novo campo de pesquisas, a geografia da comunicação. Em que medida essa abordagem da geografia da comunicação, que leva em conta os aspectos geográficos, que pensa a economia da mídia, pode contribuir, no seu entender, com os estudos radiofônicos?**

Sonia Virginia Moreira: Pode contribuir em relação às escalas. Eu acho que a questão das geografias vem por aí, vem pelas escalas, porque o fato do rádio ser local é uma característica muito interessante de um meio de comunicação. Porque a gente não pode esquecer nunca que, antes de mais nada, o rádio fala com essa proximidade do seu ouvinte. E ainda que a gente tenha hoje outras possibilidades de produção e de escuta radiofônica, eu acredito que a característica local do rádio é muito presente e isso faz com que a linguagem do rádio também seja bastante influenciada por ela. E é uma dualidade, na verdade. Ao mesmo tempo que

you talk for the local, you are talking for the national, you are talking for the world. Then, the study of geographies, in part, also has its origin in these evaluations and readings mine about the local radio, regional and how this translates in many works of the Group. I stayed thinking about this, that people needed more attention, a larger space, for the question of scales, because together with the scales comes a whole discussion of territory, and people can talk about the geographical territory, the regions, and can talk about the territories of media too. And the radio does a lot for this. What type of territory is this radio territory, of sound, of audio? Then the geographies also have a little in the studies of radio.

Radiofonias: **Esse debate sobre territórios pode ser construído sob pontos de vista muito variados. Como você estava dizendo, ele se relaciona diretamente com o rádio, principalmente se a gente considera o território não só na perspectiva geográfica, mas também na perspectiva midiática, tecnológica. Nesse contexto em que a gente está, de transição tecnológica, com um aumento da hegemonia das plataformas digitais na distribuição de conteúdo, que se relaciona diretamente com esse debate do rádio local, da distribuição de conteúdo local e da diversificação de conteúdo a partir do público, como é que você vê esse rádio?**

Sonia Virginia Moreira: Eu tenho escutado as rádios universitárias e rádios que não posso chamar de públicas, porque que são estatais, e eu vou usar isso como exemplo. Por quê? Porque a gente vive isso, vive essa

characteristic of the radio, lives in this universe of the radio that is broad, fantastic, that people have the possibility of doing a lot. And in a country like ours, that still has many things to be resolved in terms of education, I feel a huge pain that people do not use more the radio for this. I am reading two authors. I am reading Darcy Ribeiro, understanding a little more of Brazil. And I am also reading Anísio Teixeira. And Anísio, educator, had a very interesting characteristic. It was Darcy that was very much for the national and Anísio very much for the local. And he used the radio, education through the radio, Rádio Escola Municipal do Distrito Federal. He did this in an era of very great difficulties, because the students had to do the tests and then deliver them to the station, for the teachers to be able to correct. Then today people have a technological apparatus that gives us a much more interesting and easy base to be able to work with this. Then, escaping a little from the question, I think that this bias of education is missing a lot in the radio. Because when I am saying this? Because I think that we need to have differentiated radios. For example, I feel a lack in Rio and in other places, of a programming that is more regional. For example, music. In our radios, that are not commercial radios, they could give more space for two types of music... Popular Brazilian music, which is a very rich thing and which I think that there are generations that need to know more about this our production, this musical universe of Brazil in a general way, and also for the regional musics. But the regional musics

fora dessas que são massificadas. Então, eu sinto muita falta nas programações de rádio, deixando o jornalismo de fora, porque eu acho que o rádio de um modo geral explora muito bem a questão da informação local, isso é geral, em todo o Brasil. Mas eu acho que, na parte musical, por exemplo, a gente poderia trabalhar muito mais e ter uma formação cultural dos nossos ouvintes muito mais ampla e bem mais extensa. Sinto falta disso.

Sobre a entrevistada

Após graduar-se em Comunicação Social, em 1977, **Sonia Virgínia Moreira** realizou o mestrado em Jornalismo na Universidade do Colorado, no Condado de Boulder, Estados Unidos, no início dos anos 1980. Concluiu o doutorado em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo (USP) em 1999 e fez carreira como professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atuando nos cursos de graduação da Faculdade de Comunicação e como docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação na mesma instituição. Após aposentar-se pela UERJ, foi professora visitante titular da Universidade Federal de Juiz de Fora (entre 2018 e 2020).

Suas pesquisas têm ênfase em geografia da comunicação, indústria de mídia, infraestrutura de telecomunicações, mídia local e regional, jornalismo, radiodifusão, sistemas públicos de radiodifusão, audiovisual e radiojornalismo. Já foi agraciada com diversos prêmios por sua atuação como pesquisadora e orientadora de teses.

A maturidade acadêmica de Sonia Virgínia é reconhecida por sua atuação constante em instituições e associações de pesquisa do Brasil e do exterior, sendo membro permanente do conselho curador da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e representante da América Latina como membro do comitê gestor do World Journalism Education Council (WJEC). É pesquisadora sênior das redes internacionais de pesquisa The Worlds of Journalism Study (Universidade de Munique – LMU) e The International Media Concentration Research Project (Universidade de Columbia, NY). Lidera o Grupo de Pesquisa Geografias da Comunicação (CNPq), além de compor o Conselho Editorial de diversas revistas acadêmicas nacionais e internacionais.

Entre sua vasta produção bibliográfica, destacam-se no campo dos estudos radiofônicos os livros *Rádio Palanque* (1998); *O rádio no Brasil* (2000); *Rádio em Transição – tecnologias e leis nos Estados Unidos e no Brasil* (2002); *Rádio Nacional, o Brasil em sintonia*, escrito em parceria com o saudoso radialista e pesquisador Luiz Carlos Saroldi (2005). Foi também organizadora de importantes contribuições do GP de Rádio e Mídia Sonora da Intercom, como: *Rádio no Brasil: tendências e perspectivas* (1999) e *Desafios do Rádio no século XXI* (2001), ambos organizados em parceria com a professora Nélia Del Bianco (UNB). Com Círculo Peruzzo organizou a publicação *Intercom 25 anos* (2002) e, ao lado de Aníbal Bragança, publicou os livros: *Mídia, Ética e Sociedade*, pela PUC Minas (2004) e *Comunicação, acontecimento e memória* pelo selo Intercom (2005). Também

com Aníbal Mendonça e na ilustre companhia de outros grandes nomes do campo, José Marques de Mello e Maria Immacolata Lopes de Vassalo, coordenou a celebre coletânea *Pensamento comunicacional brasileiro* (2005). Sua publicação mais recente no campo dos estudos de rádio é *70 anos de radiojornalismo no Brasil – 1941/2011* publicado pela EdUERJ (2011). De lá pra cá, Sonia tem se dedicado mais aos estudos de Indústria de Mídia e ao campo de Geografia da Comunicação. Em 2013, publicou *Geografias da comunicação: espaço de observação de mídia e de culturas*, em 2015, foi a vez de *Indústria da Comunicação no Brasil – Dinâmicas da academia e do mercado* e, em 2018, organizou ao lado de Daniela Cristina

Ota o livro *Comunicação, mídia e cultura: Estudos Brasil-Estados Unidos*.

Sonia Virgínia Moreira é uma referência dos estudos em Comunicação com atuação e experiência nacional e internacional. Desde o começo da carreira acadêmico-profissional vivenciou intercâmbios e trocas com outros países, abrindo caminhos e inspirando toda uma geração de pesquisadoras e pesquisadores.

>> **Como citar este texto:**

LOPEZ, Debora Cristina; VICENTE, Eduardo; KISCHINHEVSKY, Marcelo; BENZECRY, Lena. Os desafios da perspectiva de gênero no rádio universitário. Entrevista: Sonia Virgínia Moreira. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p. 167-176, mai./ago. 2021.

Referências

MOREIRA, Sonia Virgínia; OTA, Daniela Cristina (org.). **Comunicação, mídia e cultura: Estudos Brasil-Estados Unidos**. São Paulo / Campo Grande: Intercom / Editora da UFMS, 2018.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Indústria da Comunicação no Brasil – Dinâmicas da academia e do mercado**. Rio de Janeiro / São Paulo: UERJ / Intercom, 2015.

FAUSTINO, Paulo J.; MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). **Estratégias, Economia e Administração de Empresas de Mídia e Criativas**. Lisboa: Editora Media XXI, 2015.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Geografias da comunicação: espaço de observação de mídia e de culturas**. São Paulo: Intercom, 2013.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **70 anos de radiojornalismo no Brasil – 1941/2011**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

MOREIRA, Sonia Virgínia; BRAGANÇA, Anibal (org.). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005.

MOREIRA, Sonia Virgínia.; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MELO, José Marques de; BRAGANÇA, Anibal (org.). **Pensamento comunicacional brasileiro**. São Paulo: Intercom, 2005.

MOREIRA, Sonia Virgínia; SAROLDI, Luis Carlos. **Rádio Nacional, o Brasil em sintonia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

MOREIRA, Sonia Virgínia; BRAGANÇA, Anibal (org.). **Mídia, Ética e Sociedade**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio em Transição** – tecnologias e leis nos Estados Unidos e no Brasil. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2002.

MOREIRA, Sonia Virgínia; PERUZZO, Cicilia (org.). **Intercom 25 anos**. São Paulo: Intercom, 2002.

MOREIRA, Sonia Virgínia; DEL BIANCO, Nelia Rodrigues (org.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo / Rio de Janeiro: Intercom / Uerj, 2001.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000.

MOREIRA, Sonia Virgínia; DEL BIANCO, Nelia Rodrigues (org.). **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro / Brasília: EdUERJ / Editora da UnB, 1999.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Palanque** – fazendo política no ar. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.